

O discurso sob outros discursos: Salústio e a disputa entre grupos políticos no final da República

MARCELO VIEIRA FERNANDES
Universidade de São Paulo
Brasil

RESUMO. Salústio se empenha na caracterização moral da *nobilitas*, ao menos daquela cujos vícios teriam conduzido à exacerbação das desigualdades e finalmente à guerra civil. Entretanto, o pareamento entre César e Catão, mediante os respectivos discursos, estando o último a censurar o comportamento da *pars* mesma de que ele próprio é defensor, bem como o retrato de Mário, cujas qualidades iniciais teriam degenerado no vício da *ambitio*, apontam para um plano de construção da *Conjuração de Catilina* e da *Guerra de Jugurta* que, se pode ser acusado de parcialidade política, parece ter como pretensão uma espécie de “neutralidade” filosófica, que buscaria evidenciar os vícios de uns e outros, e assim compor, no espaço das letras, um quadro complexo: o retrato, para Salústio, de seu ideal político irrealizado. Procurarei mostrar como o discurso próprio desse ideal, presente nos prefácios daquelas monografias, se deixa entrever também na reconstrução retórica dos discursos daquelas personagens.

PALAVRAS-CHAVE. Salústio; *Conjuração de Catilina*; *Guerra de Jugurta*; discursos políticos; ideal político.

Os prefácios às monografias de Salústio, de todo modo sempre antológicos, já foram censurados de pouco originais em razão da insistência em velhos lugares-comuns, como o da dualidade corpo/alma e o da valorização das produções do espírito como mais importantes, porque imperecíveis, do que aquelas do corpo, que nos aproximam dos animais (cf. *Cat.* 1.2: *alterum [sc. corpus] cum beluis commune est*)¹. Entretanto, se não há novidade, há

Email: marcelovfernandes@yahoo.com.br

Professor Assistente de Língua e Literatura Latina da FFLCH-USP e Doutorando (2007-2012) do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.

O presente artigo é versão recentemente adaptada de monografia apresentada como conclusão da disciplina de Pós-Graduação “Historiografia: Salústio”, ministrada no primeiro semestre de 2003 na FFLCH-USP pelo Prof. Dr. Antonio da Silveira Mendonça.

¹ Texto latino, para esta e as demais citações: SALLUSTE. *Catilina. Jugurtha. Fragments des Histoires*, texte établi et traduit par Alfred ERNOUT. Paris: Les Belles Lettres, 1947. Como são frequentes as remissões que faço ao *Cat.* e ao *Jug.*, não hesitei em empregar essas in-

coerência: o tom generalizante que neles está presente (cf. *Cat.* 1.1: *Omnis homines*; *Jug.* 1.1: *genus humanum*; 2.1: *genus hominum compositum ex corpore et anima est*) antes abre a perspectiva em que o historiador apreciará os eventos do que se dissocia, no que pareceria incoesão, do resto da monografia. Assim, ao falar, conforme o clichê, duma época antiga, de valores ainda incorruptos duma sociedade que já não mais existe senão no passado ideal, os olhos, é claro, contemplam o exemplo moral contrário do presente. Tudo o que é atributo do corpo é para evitar, como coisa que obedece mais ao imperativo da matéria (em vícios, por exemplo, como a ganância e o amor ao luxo) que à razão do espírito. É possível, como se sabe, encontrar, ao longo das duas monografias, caracteres que exemplificam tais vícios, bem como reconhecer uma divisão do texto de Salústio em função da exposição de tais vícios.² Não sendo o corpo (e o que a ele se liga) a melhor parte do homem, mas sim o espírito, cumpre cultivar esta última parte e não permitir que os vícios daquela a corrompam. Ora, na esfera pública, o respeito ao imperativo da razão é próprio duma república ideal, em que o exercício da política é feito obedecendo-se à melhor parte do homem, o espírito; mas, se o que é próprio do corpo toma conta dessa sua melhor parte, fará ele política corrupta. Este último é para Salústio o quadro final da República romana: momento de moral maculada, em que não é mais possível realizar na política o ideal da alma. Resta-lhe, então, a realização do ideal da alma na “literatura”. A “literatura”, porém, ainda não infiltrada pelo “mal do corpo”, ainda não corrompida, mas dotada, por isso mesmo, de traços que a fazem peculiar: a brevidade, a *secura*, o arcaísmo – uma verdadeira busca pelo modo antigo –, a incongruência (como recusa, ao que parece, à sinuosidade e à simetria dum período ciceroniano, por exemplo), que não são manifestações dum estilismo estanque, mas a continuidade mesma duma atitude previamente política.

Além disso, se as palavras, conforme Salústio, devem estar à altura do que se narra (cf. *Cat.* 3.2: *facta dictis exaequanda sunt*), e se aquilo que se narra é por natureza grandioso e complexo, então o discurso da história há de ser, também ele, grandioso e, sobretudo, complexo. Complexo porque, discurso que é, reverbera de variado modo os diferentes outros discursos em choque, com os quais estabelece uma espécie de diálogo. Quando lemos os prefácios às monografias de Salústio, não há

dicações mesmo quando teoricamente dispensáveis, de modo a evitar possíveis confusões.

² Cf., por exemplo, a ‘Prefazione’ de LIDIA STORONI MAZZOLANI em SALLUSTIO. *La Guerra di Giugurta. Prefazione, traduzione e note de* —. Milano: Rizzoli Editore, 1976 [Biblioteca Universale Rizzoli], p. 7-31.

hesitação em afirmar que nelas é o próprio Salústio quem está a falar; entretanto, quando lemos, no interior de suas monografias, o discurso de Catilina, por exemplo, a seus comparsas, ou o de César e o de Catão, na sessão do senado, ou o de Mário, enfim, embora reconheçamos que tais discursos não sejam propriamente autênticos, tendemos, parece, como é natural, a assim considerá-los. O mais correto, porém, é lê-los não como cópias fiéis de originais que não subsistiram nem como mero exercício retórico dum historiador empenhado em forjá-los por inteiro, mas como resultado duma confluência de pelo menos dois discursos: o da personalidade histórica e, mais importante, o do historiador. Mais importante porque sua presença, como discurso latente, ajuda a construir a perspectiva dentro da qual tudo mais é narrado na monografia; e também porque, ao pressupor a tarefa da (re)construção retórica, faz-nos lembrar, sempre, de que não se trata de história nos termos contemporâneos, mas duma história que se pretende “literária” (com o perdão, aqui, do anacronismo) e talvez por isso mesmo tendente a constituir sua identidade e seu caráter (como de resto ocorre a outros gêneros, como a comédia, a sátira, etc.) a partir duma relação estreita com a moral, fundando suas “provas” antes na celebração de certos valores e na condenação de tantos outros vícios que na investigação de causas sociais, econômicas, etc. dos eventos que narra. É possível perceber, particularmente no interior dos discursos das personalidades históricas, uma relativa continuidade entre estes e aquilo que aparece como voz do próprio Salústio aqui e ali, ao longo da *Conjuração de Catilina* e da *Guerra de Jugurta*. O resultado é que essa voz permeia todo o conjunto, como que a lamentar, sob a voz das diferentes personalidades (sem importar muito a orientação política diversa que elas apresentam), os erros de uns e outros; e, ainda que sua avaliação negativa possa pender mais para um dos lados, não deixa de ecoar em toda a parte um mesmo lamento: o de que a preocupação com o bem da República está presente, como programa, em todos os discursos, mas não raro como fachada política para encobrir interesses pessoais, *facciosos*.

A seguir, examino algumas das passagens mais importantes da *Conjuração de Catilina* e da *Guerra de Jugurta* procurando apontar, na recor-rência a alguns temas, os indícios de que, na reconstrução das palavras e na exposição dos pensamentos de Catilina, César, Catão e Mário, estão presentes, de modo particular, os ecos da mesma voz que prefacia uma e outra monografia. Ao fim, pretendo mostrar de que maneira o estilo dito “arcaizante” dessa mesma voz pode ser entendido não como uma simples opção expressiva, mas como a manifestação verbal de um pensamento que é, acima de tudo, político.

A degradação moral

César, ao principiar seu discurso, vale-se da mesma formulação (cf. *Cat.* 51.1: *Omnis homines [...] qui [...] consultant*) usada por Salústio para abrir o prefácio da monografia (cf. *Cat.* 1.1: *Omnis homines qui sese student*); além disso, se o historiador, na dificuldade que depara em seu ofício (cf. *Cat.* 3.2: *in primis arduom uidetur res gestas scribere [...]*), tem de lidar com acusações de parcialidade (cf. *Cat.* ib.: *plerique quae delicta reprehenderis maliuolentia et inuidia dicta putant, ubi de magna uirtute atque gloria bonorum memores, quae sibi quisque facilia factu putat, aequo animo accipit, supra ea ueluti ficta pro falsis ducit*), procurando livrar-se de qualquer “partidarismo” (cf. *Cat.* 4.2: *a spe metu partibus rei publicae animus liber erat*), assim também ao orador compete, quando trata de coisas “dúbias” (cf. *Cat.* 51.1: *qui de rebus dubiis consultant*), manter-se livre de paixões (cf. *Cat.* ib.: *ab odio, amicitia, ira atque misericordia uacuos* [sc. *omnis homines*] *esse decet*), pois, quando elas se apresentam a seu espírito, este não consegue enxergar a verdade (cf. *Cat.* 51.2: *Haud facile animus uerum prouidet*), a qual também é, afinal, objeto do historiador, obrigado sempre a haver-se com acusações de má-fé (*Cat.* ib. 3.2: *ueluti ficta pro falsis*). Tais semelhanças, segundo entendo, derivam não apenas do fato de que ambas as atividades, a do que discursa no senado e a do que escreve o discurso da história, lidam de algum modo com a busca da verdade, senão também do fato de que ambas são atividades do espírito (cf. *Jug.* 2.4: *tam multae uariaeque sint artes animi*; 4, 1: *[ex aliis negotiis] quae ingenio exercentur*): a primeira identificada mais de perto com a política (cf. *Jug.* 3.1: *ex his* [sc. *artibus animi*] *magistratus et imperia, postremo omnis cura rerum publicarum*); a segunda, com a opção por uma espécie de ócio digno, que é a escrita “literária” da história (cf. *Jug.* 4.1: *ex aliis negotiis quae ingenio exercentur, in primis magno usui est memoria rerum gestarum*), que não deixa de ser, ela também, num certo limite, uma atividade política, dada sua “utilidade” (cf. *Jug.* ib.: *magno usui*; 3: *tanto tantoque utili labore meo*) e sua capacidade, particularmente na apreciação que Salústio faz de sua própria época, de proporcionar maior benefício à República, assim como a política, em sentido estrito, deveria fazê-lo e não apenas propagandear-lo (cf. *Cat.* 3: *pulchrum est bene facere rei publicae, etiam bene dicere haud absurdum est*; 4: *maiusque commodum ex otio meo quam aliorum negotiis rei publicae uenturum*).

A ideia de “fazer bem à República” (cf. *Cat.* 3: *bene facere rei publicae*) reaparece muitas vezes ao longo das monografias, e particularmente nos discursos (cf. *Cat.* 20.3-4; 51.17, 25, 32, 35-6, 42; 52.3, 5, 9,

11, 23-4, 32; *Jug.* 85.2, 5, 33); assim, o que nos prefácios de generalidade filosófica assume coloração positiva (cf. *Cat.* 2.9: *is demum mihi uiuere atque frui anima uidetur, qui aliquo negotio intentus praeclari facinoris aut artis bonae famam quaerit*; *Jug.* 2.3: *ingeni egregia facinora sicuti anima immortalia sunt*), pois, sendo idealmente atividade dum espírito ainda incorrupto, é “feito preclaro” (cf. *Cat.* 2.9: *praeclari facinoris*), “egregio” (cf. *Jug.* 2.3: *ingeni egregia facinora*), assume, na parcialidade político-deliberativa de cada discurso, um aspecto de deterioração, como se a passagem do ideal do prefácio – que não por acaso usa do sentido primeiro de *facinus* (lembre-se a observação quase melancólica de Catão sobre haver-se perdido o verdadeiro sentido das palavras: *Cat.* 52.11; cf. *infra*) – ao material e concreto da realidade política fosse a reprodução mesma, no espaço da monografia, da degeneração moral dos tempos, da decadência do antigo imemorial para o contemporâneo lastimável. Quando Catilina, retratado por Salústio como homem de caráter mau e vicioso (cf. *Cat.* 5.1: *ingenio malo prauoque*), exorta seus comparsas, fá-lo usando quase a mesma expressão (cf. *Cat.* 20.3: *pulcherrimum facinus*) e, o que é mais, entendendo tal feito numa relação com o espírito: *animus ausus est maximum atque pulcherrimum facinus incipere* (*Cat.* ib); assim também César, no discurso que faz contra a aplicação da pena capital aos conjurados, curiosamente se refere a estes como *homines tanti facinoris conuictos* (cf. *Cat.* 51.23); semelhantemente, ainda que do lado oposto na deliberação, Catão refere-se aos crimes dos conjurados como *facinora in ciuis* (cf. *Cat.* 52.36); Mário, falando positivamente de seus feitos, vale-se de expressão vizinha: *mea bene facta rei publicae procedunt* (*Jug.* 85.5).

A partir daí, malgrado a diferença de posicionamento entre extremos políticos como Catilina e Catão, ou entre este e César, na mesma monografia, e Mário, na outra, é de notar que, em todos eles, o tema da degradação moral reaparece, algumas vezes quase nos mesmos termos que nos prefácios (cf. *infra*), para sustentar moralmente quer os empreendimentos revolucionários (Catilina) ou o discurso revanchista (Mário), de uma parte, quer, de outra, a atitude exprobratória e severa (Catão) ou o receio pela criação de precedentes danosos ao futuro da *res publica* (César), quer, enfim, para sustentar (também moralmente: cf. *Jug.* 4.3: *credo fore qui, [...] tanto tamque utili labori meo nomen inertiae imponant*) o abandono da vida pública em prol do empreendimento literário (Salústio). A situação resultante semelha um quadro em que, estando já a desmorar a *res publica*, uns e outros vêm – não sem interesses particulares (cf., v.g., *Cat.* 52.22; *Jug.* 4.7; 85.1-2), estando aí o paradoxo que levaria inevitavelmente à guerra civil, coisa já vista por Salústio (cf. *Jug.* 5.2) – prestar-lhe auxílio;

dentre esses, uma parte crê numa restauração mediante a recuperação de um estado primordial (ideia de que Salústio, ao menos em certo limite, platônico mesmo, compartilha: cf. *Cat.* 2.4: *imperium facile iis artibus retinetur, quibus initio partum est*) que para alguns, ainda, inclui a defesa rigorosa de certas prerrogativas do costume antigo, como, por exemplo, a aplicação da pena capital contra os próprios cidadãos quando em crime contra a pátria (cf. *Cat.* 52.36: *more maiorum supplicium summendum*); outra parte, em lugar de propor o passado como alternativa para o presente iníquo, investe na mudança, na revolução, uns apoiados quase que exclusivamente na própria juventude em comparação com o aspecto caduco e viciado da velha *nobilitas* (como é o caso de Catilina: cf. *Cat.* 20.10: *uictoria in manu nobis est, uiget aetas, animus ualet; contra illis annis atque diuitiis omnia consenuerunt*), outros, na sustentação popular que acabam granjeando, muito em razão do fato mesmo de não serem *nobiles* (como foi o caso de Mário, noutra época: cf. *Jug.* 85.13: *Comparete nunc, Quirites, cum illorum superbia, me hominem nouom*), outros, ainda, confiados num crescimento futuro de sua popularidade (como será para César). Assim, a situação de desigualdade entre a nobreza decaída e aquela que se enriqueceu, Catilina a descreve (cf. *Cat.* 20.7-8, 12-3) em termos muito próximos não só àqueles de Mário (cf. *Jug.* 85.3-4, 9, 13-4, 19-20, 29-33, 40-1) – o que seria, por assim dizer, uma proximidade natural – ou, ainda, àqueles de César (cf. *Cat.* 51.33), mas também àqueles do próprio Catão (cf. *Cat.* 52.5, 7-11, 22) e àqueles, se assim se pode dizer, de Salústio mesmo (cf. *Cat.* 2.1-2; 3.3; *Jug.* 1.4; 3.1; 4.7), ainda que o jovem de caráter *malo prauoque* (cf. *Cat.* 5.1) da conjuração, espírito cobiçoso que também era (cf. *Cat.* 5.4: *alieni adpetens*), não tenha chegado a apontar os vícios da nobreza com o mesmo empenho de Catão. Para exortar os companheiros, Catilina desenha-lhes o retrato da iniquidade:

Nam postquam res publica in paucorum potentium ius atque dicionem concessit, semper illis reges tetrarchae uectigales esse, populi nationes stipendia pendere; ceteri omnes, strenui boni, nobiles atque ignobiles, uulgi fuimus sine gratia, sine auctoritate, iis obnoxii, quibus, si res publica ualeret, formidini essemus. Itaque omnis gratia potentia honor diuitiae apud illos sunt aut ubi illi uolunt; nobis reliquere pericula repulsas iudicia egestatem. (*Cat.* 20.7-8)

Depois que a república cedeu sob o poder e a autoridade de uns poucos poderosos, passaram reis, tetrarcas a ser-lhes tributários, povos, nações a pagar-lhes impostos; todos os demais, valorosos, honestos, nobres e não-nobres, uma turba fomos, sem crédito, sem autoridade, servis àque-

les para quem, se a república estivesse firme, seríamos motivo de temor. Assim, todo crédito, poder, honra, riqueza estão junto deles ou onde eles bem querem; a nós deixaram reveses, riscos, processos, pobreza.

incitando-os a reivindicar o bem maior de que se veem privados (cf. *Cat. ib.: postquam res publica in paucorum potentium ius atque dicionem concessit*), que é sua *libertas*, sua liberdade política, de cidadãos (cf. *Cat. 20.6: nisi nosmet ipsi uindicamus in libertatem*; 14: *En illa, illa quam saepe optastis libertas*), sem a qual a vida é miserável e sem *honra* (cf. *Cat. 20.9: uitam miseram atque inhonestam*); o mesmo bem é referido por Catão, para lembrar aquilo que se arriscavam a perder se não punissem exemplarmente os conjurados (cf. *Cat. 52.6: libertas et anima nostra in dubio est*), e por Salústio mesmo, ao lamentar aquilo que se “ganhava” (i.e., nada mais senão o ódio: cf. *Jug. 3.4*) ao obsequiar-se o poder duns poucos com a própria honra e *libertas* (cf. *Jug. ib.: nisi forte quem inhonesta e perniciosa lubido tenet potentiae paucorum decus atque libertatem suam gratificari*). Catilina remata o quadro por meio da comparação entre o luxo de que desfruta a *nobilitas* enriquecida e a quase indigência daquela de que ele faz parte:

Cum tabulas signa toreumata emunt, noua diruunt, alia aedificant, postremo omnibus modis pecuniam trahunt uexant, tamen summa lubidine diuitias suas uincere nequeunt. At nobis est domi inopia, foris aes alienum, mala res, spes multo asperior: denique quid reli-cui habemus praeter miseram animam? Quin igitur expergiscimini? (*Cat. 20.12-4*)

Conquanto comprem quadros, estátuas, vasos cinzelados, destruam casas ainda novas, construam outras, e de todas as maneiras, finalmente, gastem, esbanjem o dinheiro, ainda assim, por maior que lhes seja o capricho, não conseguem pôr um termo às suas riquezas. Quanto a nós, temos pobreza, em casa; na rua, dívidas, uma situação difícil, uma expectativa ainda pior; enfim, que mais temos além deste desgraçado sopro de vida? Por que, então, não despertais?

num tom parecido com o que se lê em Catão, que se dirige diretamente àqueles cujo vício do luxo está a censurar:

Sed, per deos immortalis, uos ego appello, qui semper domos, uillas, signa, tabulas uostras pluris quam rem publicam fecistis: si ista, cuiuscumque modi sunt quae amplexamini, retinere, si uoluptatibus uostris otium praebere uoltis, expergiscimini aliquando et capessite rem publicam. (*Cat. 52.5*)

Mas, pelos deuses imortais!, é a vós que faço o apelo, vós que sempre tivestes em maior conta as vossas casas, as vossas propriedades no campo, as vossas estátuas e quadros do que a república; se quereis conservar esses bens que abraçais, de qualquer espécie que sejam eles, e dispor de paz para os vossos divertimentos, desportai de vez e assumi a república!

Mais adiante, Catão relembra as qualidades do passado, então perdidas, e lamenta, no quadro dos vícios contemporâneos, que os interesses pessoais, sobrelevando aos da *res publica*, deixem-na, assim, aberta ao ataque:

Sed alia fuere, quae illos magnos fecere, quae nobis nulla sunt: domi industria, foris iustum imperium, animus in consulendo liber, neque delicto neque libidini obnoxius. Pro his nos habemus luxuriam atque avaritiam, publice egestatem, priuatim opulentiam. laudamus diuitias, sequimur inertiam. Inter bonos et malos discrimen nullum, omnia uirtutis praemia ambitio possidet. Neque mirum: ubi uos separatim sibi quisque consilium capitis, ubi domi uoluptatibus, hic pecuniae aut gratiae seruitis, eo fit ut impetus fiat in uacuum rem publicam. (Cat. 52.21-3)

Na verdade, outras foram as qualidades que os fizeram grandes, das quais não temos nenhuma: na pátria, atividade; no exterior, poder exercido com justiça; um espírito livre em suas decisões e não escravo da culpa e do desejo. Em vez dessas qualidades, temos o amor ao luxo e a cobiça, pobreza na esfera pública, opulência no âmbito privado. Louvamos as riquezas, cedemos à inação. Entre bons e maus, nenhuma diferença; a ambição toma posse de todos os prêmios da virtude. Nem é de admirar: no momento em que cada um de vós toma decisões apenas para si mesmo, em caráter particular; no momento em que, em casa, sois escravos dos prazeres e, aqui na rua, do dinheiro e do favorecimento, sucede, diante disso, que o assalto aconteça contra uma república desprotegida.

Também César, um tanto discretamente, toma tal direção, ao comentar as consequências da punição severa de Damasipo e dos comparsas deste:

[...] *uti quisque domum aut uillam, postremo uas aut uestimentum alicuius concupiuerat, dabat operam, uti is in proscriptorum numero esset. (Cat. 51.33)*

[...] quando alguém cobiçava uma casa ou uma propriedade no campo, um vaso, enfim, ou a roupa de alguém, trabalhava para que este estivesse no número dos proscritos.

e ao comparar as qualidades do passado com as do presente:

Profecto uirtus atque sapientia maior illis fuit, qui ex paruis opibus tantum imperium fecere, quam in nobis, qui ea bene parta uix retinemus. (Cat. 51.42)

Decerto foi maior a coragem e a sabedoria neles [sc. nos antepassados], que, a partir de pequenos recursos, um tão grande império ergueram, do que em nós, que mal conservamos o que foi tão bem construído.

Em Mário, o espírito é mais invectivo:

[...] *ex parente meo et ex aliis sanctis uiris ita accepi, munditias mulieribus, uiris laborem conuenire, omnibusque bonis oportere plus gloriae quam diuitiarum esse; arma, non supellectilem decori esse. Quin ergo, quod iuuat, quod carum aestimant, id semper faciant: ament, potent; ubi adulescentiam habuere, ibi senectutem agant, in conuiuuiis, dediti uentri et turpissimae parti corporis; sudorem, puluerem et alia talia relinquunt nobis, quibus illa epulis iucundiora sunt. (Jug. 85.40-1)*

[...] de meu pai e de outros irrepreensíveis varões assim aprendi: que enfeites convêm às mulheres, aos homens o trabalho, e que é mister todos os homens de bem terem mais glória que riquezas; que as armas, não a mobília, é que servem de ornamento. Então, o que lhes apraz, o que julgam caro, façam-no sempre: amem, bebam; onde passaram a juventude, aí levem a velhice: nos festins, entregues ao ventre e à parte mais torpe do corpo; que o suor, o pó e coisas que tais deixem para nós, para quem essas coisas são mais prazerosas que os banquetes.

Tais sequências parecem a extensão do que já dizia Salústio, em tom mais genérico, quer para as palavras de Catilina, Catão e César, no prefácio à *Coniuratio*:

Igitur initio reges – nam in terris nomen imperi id primum fuit – diuersi pars ingenium, alii corpus exercebant: etiam tum uita hominum sine cupiditate agitabatur; sua cuique satis placebant. [...] Verum ubi pro labore desidia, pro continentia et aequitate lubido atque superbia inuasere, fortuna simul cum moribus immutatur. (Cat. 2.1-5)

Pois bem, no início, os reis – pois no mundo este foi o primeiro nome da autoridade – exercitavam, parte deles, o intelecto, outros o corpo; até então, a vida dos homens era levada sem cobiça; a cada um contentava o que era seu. [...] Mas, quando em vez do trabalho a preguiça,

em vez da moderação e da equidade o capricho e a soberba tomam lugar, a fortuna transforma-se junto com o caráter.

quer, para as de Mário, naquele ao *Bellum*:

Qui ubi ad gloriam uirtutis uia grassatur, abunde pollens potensque et clarus est, neque fortuna eget, quippe probitatem, industriam, aliasque artis bonas neque dare neque eripere cuiquam potest. Sin captus prauis cupidinibus ad inertiam et uoluptates corporis pessumdat est, pernicioso lubidine paulisper usus, ubi per socordiam uires tempus ingenium diffluxere, naturae infirmitas accusatur [...] (Jug. 1.3-4)

Quando ele [sc. o espírito] avança para a glória pelo caminho da virtude, abundantemente forte, e capaz, e ilustre é, e não necessita da fortuna, pois esta não pode dar nem roubar a ninguém a probidade, a atividade e as demais boas qualidades. Se, por outro lado, tomado [o espírito] pelo vício dos prazeres, é lançado à inércia e aos desejos do corpo, experimentando algum tempo do pernicioso desejo, quando, pela inação, as forças, o tempo, o intelecto se esvaem, acusa-se, então, de fraca a natureza [...].

[...] *praeclara facies, magnae diuitiae, ad hoc uis corporis et alia omnia huiusce modi breui dilabuntur; at ingeni egregia facinora sicuti anima immortalia sunt. Postremo corporis et fortunae bonorum ut initium sic finis est, omniaque orta occidunt et aucta senescunt: animus incorruptus, aeternus, rector humani generis agit atque habet cuncta neque ipse habetur. Quo magis prauitas eorum admiranda est, qui, dediti corporis gaudiis, per luxum et ignauiam aetatem agunt, ceterum ingenium, quo neque melius neque amplius aliud in natura mortalium est, incultu atque socordia torpescere sinunt [...] (Jug. 2.2-3)*

[...] bela aparência, grandes riquezas, somada a isto a força do corpo e todas as demais coisas deste gênero em breve tempo se esvaem; mas os feitos egrégios do espírito, assim como a alma, são imortais. Depois, assim como é o início, assim também é o fim dos bens do corpo e da fortuna, e tudo o que começa acaba, e tudo o que cresce envelhece: o espírito, incorrupto, eterno, regedor do gênero humano, conduz e submete todas as coisas, não sendo ele mesmo submetido. Diante disso, é de admirar ainda mais o vício daqueles que, entregues aos prazeres do corpo, no luxo e na inação levam a vida, ao passo que o caráter, em relação ao qual nenhuma outra coisa na natureza dos mortais é melhor ou mais importante, deixam-no entorpecer pela incultura e indolência [...].

Catilina, ao exortar os companheiros a reconquistar sua *libertas* (cf. *Cat.* 20.6, 14), aponta para o paradoxo que é uma *res publica* haver caído

em mãos duns poucos (cf. *Cat. 20.7: res publica in paucorum potentium ius atque dicionem concessit*): a ideologia que sustenta, pois, o sopro revolucionário dos conjurados deve ser, ao menos *em aparência*, uma oposição ao sistema oligárquico e, portanto, uma defesa da ideia mesma de república, ainda que estivesse nos planos da conjuração fazer dela, posteriormente, uma outra coisa, como uma ditadura ou mesmo uma oligarquia. Ora, a defesa da *res publica*, como já se disse (cf. *supra*), é, ao menos como programa, comum a todos os lados, a todos os “partidos”³ do final da República romana;⁴ assim, tal como é preocupação presente no dis-

³ A ideia duma polarização entre os chamados *optimates* e os *populares* (em muito sustentada na distinção feita já por Cícero: cf. *Sest. 96*) contribuiu, numa tradição reforçada por Théodore Mommsen (cf. ROSS-TAYLOR, Lily. *La Politique et les Partis à Rome au Temps de César*, traduit de l'anglais par ELISABETH et JEAN-CLAUDE MORIN. Paris: Maspero, 1977, p. 55-8), para o entendimento, equivocado, de que haveria na organização política romana um sistema de partidos mais ou menos equivalente ao que temos contemporaneamente. A ideia de “partido” como uma agremiação coesa de indivíduos de mesma orientação ideológica, inserido num sistema de representação como acontece em democracias atuais, não explica perfeitamente o sistema romano de “filiação”, baseado que era na *amicitia* (no âmbito político mais do que no individual: cf. ROSS-TAYLOR, *op. cit.*, p. 46-7; SAL. *Cat. 20.3-4*). Entretanto, ainda que não seja possível falar nos termos duma polarização “partidária”, é possível apresentar como que o perfil de cada uma das “partes”: a principal crítica feita à *nobilitas*, não por acaso encarada por Salústio como uma *factio* (cf. ROSS-TAYLOR, *op. cit.*, p. 50-2; SYME, Ronald. *Sallust*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, 1964, p. 16-18), é de que, com a expansão do poderio romano, particularmente após o término das guerras púnicas, o enriquecimento daí proveniente (mediante, por exemplo, os numerosos tributos: cf. SAL. *Cat. 20.7-8*) veio a beneficiar unicamente aqueles que estiveram à frente da expansão, como as famílias de senadores, banqueiros, comerciantes, etc.; sem condições de competir com as grandes propriedades e forçado a deixar o campo para exercer outros ofícios na cidade, o pequeno proprietário veio a compor a massa urbana de desempregados, sempre atenta aos discursos inflamados daquela parte da nobreza que, decaída, procurava o meio de também tomar parte nos despojos das recentes guerras; por outro lado, defendiam os *optimates* um ideal aristocrático de governo, que chegou inclusive a recair na forma ditatorial com o exemplo de Sila, forma a que a própria *nobilitas* não era de todo simpática; tal defesa se dava, essencialmente, mediante o enaltecimento das antigas famílias nobres (cuja hipocrisia é acusada por seus opositores: cf. *Jug. 85.13-14, 17-8, 20-1, 25-6, 29-33*) e mediante a recusa da condição de nobreza aos *populares* (cf. *Jug. 63.6-7; 64.1-2; 85.17-8, 25*), mesmo quando dotados de considerável expressividade política (como foi o caso de Mário).

⁴ Interessaria aprofundar, aliás, como cada um desses “partidos” entendia, nessa crise que antecede o principado, a ideia de *res publica*, pois a guerra civil é, evidentemente, um dos resultados dessa diferença de entendimento: poder-se-ia pensar, talvez, de um lado, em velhas forças de permanência, representadas, por exemplo, na figura de Catão, e, de outro lado, em forças de renovação que, ainda tomando forma e sem negar completamente o passado, estariam baseadas numa nova prática política, como, por exemplo, a *clementia*, melhor adaptada a uma “clientela imperial”.

curso de Catilina, também o é no de César, que reputa alheia à República romana a proposta de pena capital contra cidadãos romanos (cf. *Cat.* 51.17: *sed aliena* [sc. *sententia eius* [sc. *D. Silani*]] *a re publica nostra uidetur*); que, mostrando, embora noutra direção, a mesma atitude providente (cf. *Cat.* 51.7: *Hoc [...] uobis prouidendum est*) de Catão (cf. *Cat.* 52.4: *nisi prouideris ne accidat*), qualifica negativamente os conjurados (cf. *Cat.* 51.17: *talis homines*; 23: *homines tanti facinoris conuictos*; 25: *parricidas rei publicae*; 32: *homines* [sc. Damasipo e seus comparsas, na conjuração anterior] *scelestos et factiosos*) e seu cometimento (cf. *Cat.* 51.10: *res tanta et tam atrox*) e aponta, num momento, para o passado em sua relação com o presente (cf. *Cat.* 51.42: *Profecto uirtus atque sapientia maior illis* [sc. os antepassados] *fuit, qui ex paruis opibus tantum imperium fecere, quam in nobis, qui ea bene parta uix retinemus*) e, noutro momento (possivelmente numa alusão de Salústio ao que viria acontecer por ocasião das proscrições do Segundo Triunvirato; cf. *Cat.* 51.27), para o presente em sua relação com o futuro (cf. *Cat.* 51.35-6: *Atque haec ego non in M. Tullio neque his temporibus uereor, sed in magna ciuitate multa et uaria ingenia sunt. Potest alio tempore, alio consule, cui item exercitus in manu sit, falsum aliquid pro uero credi. Vbi hoc exemplo per senatus decretum consul gladium eduxerit, quis illi finem statuet aut quis moderabitur?*); também Catão põe a República no centro, especialmente quando lembra a natureza do crime (cf. *Cat.* 52.3: *de poena eorum, qui patriae, parentibus, aris atque focis suis bellum parauere*), mostrando a que ponto de risco a ganância, o amor ao luxo, a desigualdade entre o público e o privado levaram a República (cf. *Cat.* 52.5: *Sed, per deos immortalis, uos ego appello, qui semper domos, uillas, signa, tabulas uostras pluris quam rem publicam fecistis*; 11: *eo res publica in extremo sita est*; 22-3: *habemus luxuriam atque auaritiam, publice egestatem, priuatim opulentiam. Neque mirum: ubi uos separatim sibi quisque consilium capit, ubi domi uoluptatibus, hic pecuniae aut gratiae seruitis, eo fit ut impetus fiat in uacuum rem publicam*), incitando a ordem hesitante (cf. *Cat.* 52, 25: *uos cunctamini*; 28: *inertia et mollitia animi alius alium expectantes cunctamini*), de que faz parte, a despertar (cf. *Cat.* 52.5: *expergiscimini aliquando*) e tomar conta da República (cf. *Cat.* *ib.*: *capessite rem publicam*), qualificando os conjurados (cf. *Cat.* 52.32: *crudelissumis parricidis*; 36: *sceleratorum ciuium*) e o crime deles (cf. *Cat.* *ib.*: *facinora in ciuis*) em termos próximos aos de César (cf. *Cat.* 51.23: *homines tanti facinoris conuictos*; 25: *parricidas rei publicae*), chegando mesmo a apontar a origem *nobilis* da conspiração (cf. *Cat.* 52.24: *coniurauere nobilissimi ciues patriam incendere*); Mário, na outra monografia, diz entender a República como uma honra acima dos

cargos particulares que ela comporta (cf. *Jug.* 85.2: *quo pluris est uniuersa res publica quam consulatus aut praetura, eo maiore cura illam administrari quam haec peti debere*) e se apresenta como alguém que lhe presta seus serviços e por isso, não por outra razão, é que é reconhecido (cf. *Jug.* 85.5: *mea bene facta rei publicae procedunt*; 33: *illa multo optima rei publicae doctus sum: hostem ferire, praesidia agitare, nihil metuere nisi turpem famam, hiemem et aestatem iuxta pati, humi requiescere, eodem tempore inopiam et laborem tolerare*; etc.), a lembrar, de modo particular, a censura que faz Salústio àqueles que se lançam à disputa pelos cargos como se estes fossem um bem em si, independente do valor daqueles que o ocupam (cf. *Jug.* 4.7: *quasi praetura et consulatus atque alia omnia huiusce modi per se ipsa clara et magnifica sint ac non perinde habeantur, ut eorum qui ea sustinent uirtus est*); quanto ao próprio Salústio, enfim, é comum lembrar a afirmação que faz sobre ter-se dedicado, no princípio, à política (cf. *Cat.* 3.3: *ego adulescentulus initio, sicuti plerique, studio ad rem publicam latus sum*), entendendo-se aqui “política” não como acepção propriamente distinta de república, mas como uma das acepções de *res publica*, termo mais amplo, que compreende um bem no interesse do qual é belo trabalhar (cf. *Cat.* 3.1: *Pulchrum est bene facere rei publicae*) e para o qual resultará, como o historiador entende na segunda atividade “política” que escolheu (cf. *Cat.* ib.: *etiam bene dicere haud absurdum est*), utilidade maior do que aquela resultante das “atividades” dos demais (cf. *Jug.* 4.4: *maiusque commodum ex otio meo quam ex aliorum negotiis rei publicae uenturum*).

Um discurso sob outros

Procurei, acima, demonstrar como o tema da degradação moral percorre os diferentes discursos como argumento, em cada parte ou *facção*, para justificar-lhes o empreendimento em defesa da *res publica*; creio ser possível, de maneira introdutória embora, apontar também um elo entre tais discursos, especialmente no tratamento que dão a esse tema, e aquele discurso maior, mais genérico, que arma a perspectiva ideológica em que todas as partes da monografia se reúnem, que identificamos como o discurso mesmo de Salústio. Este, em seus prefácios, repete a descrição da natureza humana como duplamente composta de corpo e espírito/alma (cf. *Cat.* 1.2: *nostra omnis uis in animo et corpore sita est*; *Jug.* 2.1: *genus hominum compositum ex corpore et anima est*); nossas atividades, nossas inclinações procedem quer de uma, quer de outra dessas duas partes, que têm, cada qual, sua natureza própria (cf. *Jug.* 2.1: *res cuncta studiaque*

omnia nostra corporis alia, alia animi naturam secuntur); ora, é justamente a natureza de cada uma delas que as opõe inteiramente, pois uma, a alma, é própria para mandar (cf. *Cat.* 1.2: *imperio*), outra, o corpo, para obedecer (cf. *Cat.* ib.: *seruitio*); uma nos é comum com os deuses (cf. *Cat.* ib.: *alterum nobis cum dis [...] commune est*), outra, com os animais (cf. *Cat.* ib.: *alterum cum beluis commune est*); os feitos que procedem de uma são imortais (cf. *Jug.* 2.2: *ingeni egregia facinora sicuti anima immortalia sunt*), os bens que procedem de outra, perecíveis (cf. *Jug.* ib.: *praeclara facies, magnae diuitiae, ad hoc uis corporis et alia omnia huiusce modi breui dilabuntur*); enfim, uma é eterna, governante (cf. *Jug.* 2.3: *animus incorruptus, aeternus, rector humani generis agit atque habet cuncta neque ipse habetur*); outra, destinada ao envelhecimento e à morte (cf. *Jug.* ib.: *corporis et fortunae bonorum ut initium sic finis est, omniaque orta occidunt et aucta senescunt*). A partir daí, justifica-se a opção por buscar a glória (cf. *Cat.* 1.3: *gloriam quaerere*; 2.9: *famam quaerit*) antes por meio dos recursos do espírito, particularmente o intelecto (cf. *Cat.* ib.: *ingeni [...] opibus*), que por meio daqueles do corpo, particularmente a força bruta (cf. *Cat.* ib.: *uirium opibus*); dentre as atividades que seguem a natureza do espírito (cf. *Jug.* 2.1: *animi naturam secuntur*; cf. também *Cat.* 2.7), sobretudo porque são muitas e variadas (cf. *Cat.* 3.1: *in magna copia rerum aliud alii natura iter ostendit*; *Jug.* 2.4: *cum praesertim tam multae uariaeque sint artes animi*), podem, umas, trazer a glória mediante a dedicação a uma atividade (cf. *Cat.* 2.9: *negotio*) e a prática de feito brilhante (cf. *Cat.* ib.: *praeclari facinoris*), de ações egrégias (cf. *Jug.* 2.2: *egregia facinora*), tornadas, por serem obra do espírito, imortais (cf. *Jug.* ib.: *immortalia*); podem, outras, fazê-lo mediante uma prática que revele talento (cf. *Cat.* 2.9: *artis bonae*), empregando de outro modo o tempo (cf. *Jug.* 4.4: *ex otio*), sem, por isso, deixar de ser laboriosa e importante (cf. *Jug.* 4.3: *tanto tamque utili labori*); esta, particularmente, é a atividade que Salústio diz escolher, quando opta por escrever a memória do povo romano (cf. *Cat.* 1.3: *Quo mihi rectius uidetur [...] memoriam nostri quam maxime longam efficere*; 4.2: [...] *statui res gestas populi Romani [...] perscribere*; *Jug.* 4.1: *Ceterum ex aliis negotiis, quae ingenio exercentur, in primis magno usui est memoria rerum gestarum*); por outro lado, no que respeita ao corpo, Salústio chega a admitir que entre a ação (cf. *Cat.* 1.6: *facto*), como um dos atributos deste (cf. *Cat.* 1.5: *ui [...] corporis*), e o próprio espírito (cf. *Cat.* ib.: *uirtute animi*) há mútua dependência (cf. *Cat.* 1.5-6; 7: *Ita utrumque [sc. uis corporis et uirtus animi] per se indigens alterum alterius auxilio eget*) na arte militar (cf. *Cat.* 1.5: *res militaris*), e que houve reis que exercitaram uns o espírito, outros o corpo (cf. *Cat.*

2.1: [...] *diuorsi, pars ingenium, alii corpus exercebant*), num tempo (cf. *Cat. ib.: initio*) em que, sem cobiça (cf. *Cat. ib.: sine cupiditate*), cada um era contente com o que tinha (cf. *Cat. ib.: sua cuique satis placebant*); entretanto, Salústio diz o que veio a ocorrer depois de tal início, numa sequência que parece aludir ao crescimento do império romano:

Postea uero quam in Asia Cyrus, in Graecia Lacedaemonii et Athenienses coepere urbis atque nationes subigere, lubidinem dominandi causam belli habere, maxumam gloriam in maximo imperio putare, tum demum periculo atque negotiis compertum est in bello plurimum ingenium posse. (Cat. 2.2)

Mas depois que na Ásia Ciro, na Grécia os lacedemônios e atenienses começaram a submeter cidades e nações, a ter o desejo de dominar como causa para a guerra, a considerar que, quanto maior fosse o poder, maior seria a glória, precisamente então, pela experiência e pela prática, descobriu-se que na guerra o espírito é que podia mais.

em que a palavra *lubido* aparece, bem como aparecerá mais adiante (cf. *Cat. 2.5*), como vício que tomou o lugar da *aequitas* (cf. *Cat. ib.: pro [...] aequitate*), junto à *desidia* e à *superbia*, que tomaram o lugar do *labor* e da *continentia* (cf. *Cat. ib.: pro labore [...], pro continentia*). Ora, o que Salústio ilustra aqui, com o caso de Ciro, dos lacedemônios e atenienses, é repetido, de modo mais amplo e genérico, no prefácio ao *Bellum*:

[...] dux atque imperator uitae mortalium animus est. Qui ubi ad gloriam uirtutis uia grassatur, abunde pollens potensque et clarus est neque fortuna eget, quippe quae probitatem, industriam aliasque artis bonas neque dare neque eripere cuiquam potest. Sin captus prauis cupidinibus ad inertiam et uoluptates corporis pessumdatus est, pernicioso lubidine paulisper usus, ubi per socordiam uires tempus ingenium diffluxere, naturae infirmitas accusatur; suam quisque culpam auctores ad negotia transferunt. (Jug. 1.3-4)

[...] condutor e senhor da vida dos mortais é o espírito. Quando ele avança para a glória pelo caminho da virtude, abundantemente forte, e capaz, e ilustre é, e não necessita da fortuna, pois ela não pode dar nem roubar a ninguém a probidade, a atividade e as demais boas qualidades. Se, por outro lado, tomado pelo vício dos prazeres, é lançado à inércia e aos desejos do corpo, experimentando algum tempo do pernicioso desejo, quando, pela inação, as forças, o tempo, o intelecto se esvaem, acusa-se, então, de fraca a natureza; os responsáveis transferem, cada qual, sua própria culpa às circunstâncias.

que nos deixa ver mais claramente a noção de que o espírito (cf. *Jug.* 1.3: *animus*) pode deixar-se tomar por paixões viciosas (cf. *Jug.* 1.4: *captus* [sc. *animus*] *prauis cupidinibus*) e, o que nos interessa aqui mais de perto, o entendimento de que o espírito pode deixar-se afogar (cf. *Jug.* ib.: [sc. *animus*] *pessumdatu est*) nas *uoluptates corporis* (cf. *Jug.* ib.); pois, assim como no trecho do prefácio anterior, também neste último Salústio aponta a *lubido* como vício de que o espírito durante algum tempo (cf. *Jug.* ib.: *paulisper*) desfruta (cf. *Jug.* ib.: [sc. *animus*] *usus*),⁵ de modo que, tal como no prefácio à *Coniuratio* nos diz da descoberta que foi, depois de Ciro e dos outros, a importância maior do espírito na guerra, circunstância em que este trabalha em favor da *lubido dominandi* e da cobiça dos chefes (cf. *Cat.* 2.2), em seguida lamentando que nesta circunstância mais do que na paz é que a *animi uirtus* (cf. *Cat.* 2.3) de reis e governantes tem valido mais, pois, não fosse assim,

[...] *aequabilius atque constantius sese res humanae haberent, neque aliud alio ferri neque mutari ac misceri omnia cerneret.* (*Cat.* 2.3)

[...] com mais igualdade e constância as coisas humanas se dariam, nem verias uma coisa passar-se a outra, nem tudo se transformar e confundir.

assim também, no prefácio ao *Bellum*, lamenta as consequências, para o homem, quando o espírito, que afinal é uma de suas partes, se deixa tomar pelos mesmos vícios...

⁵ Em *Jug.* 1.4: *Sin captus prauis cupidinibus*, a forma *captus* (bem como, mais adiante, *pessumdatu est* e *usus*) refere-se a *animus*, que está algumas linhas acima (cf. *Jug.* 1.3: *Sed dux* [...] *animus est*), até porque a forma *sin*, que o antecede, pressupõe uma primeira condicional ou equivalente, que no texto de Salústio vem sob a forma da oração que inicia o período: *Qui ubi ad gloriam uirtutis uia grassatur* [...] (cf. *Jug.* ib.), em que o pronome a iniciá-la refere-se a *animus*, do período anterior. Ora, dado que é Salústio mesmo quem insiste na diferença entre corpo e alma (cf. *Cat.* 1-3; *Jug.* 2.1: *res cunctae studiaque omnia nostra corporis alia, alia animi naturam secuntur*) e, principalmente, na ideia de que o gênero humano, e portanto o homem, é composto de uma e outra parte (cf. *Cat.* 1.2: *nostra omnis uis in animo et corpore sita est*; *Jug.* 2.1: *genus humanum compositum ex corpore et anima est*), parece-nos melhor a tradução que, justificada pelo texto latino, dá conta dessa diferença, como fazem J.C. ROLFE (*LCL*, 1985): “But if through the lure of base desires **the mind** has sunk into sloth and the pleasures of the body [...]” e ANTONIO DA SILVEIRA MENDONÇA (Vozes, 1990): “Mas se a **alma humana**, presa de seus desejos perversos, se afunda na preguiça e nos prazeres do corpo [...]” do que aquela que, justificável embora, oblitera um pouco a distinção do original, como ocorre, por exemplo, em ALFRED ERNOUT (“Les Belles Lettres”, 1947): “Mais si, prisonnier de passions vicieuses, **l’homme** sombre

Quod si hominibus bonarum rerum tanta cura esset, quanto studio aliena ac nihil profutura multaue etiam periculosa ac perniciosa petunt, neque regerentur magis quam regerent casus et eo magnitudinis procederent, ubi pro mortalibus gloria aeterni fierent. (Jug. 1.5)

Mas se para os homens a preocupação com o bem fosse tão grande quanto é grande o desejo com que buscam as coisas alheias e em nada úteis e muitas, ainda, perigosas e perniciosas, não seriam regidos pelo destino mais do que o regeriam, e a tal ponto de grandeza avançariam, que de mortais se fariam, por sua glória, eternos.

... homem que, em tal condição, encontra-se sujeito mais ao que é atributo do corpo do que possuidor das qualidades do espírito, pois deste é próprio o mandar (cf. *Cat. 1.2: animi imperio [...] magis utimur*), daquele, o obedecer (cf. *Cat. ib.: corporis seruitio magis utimur*), e o homem cujo espírito deixou-se corromper por um vício como, por exemplo, o da ganância (cf. *Jug. 1.5: studio aliena ac nihil profutura multaue etiam periculosa ac perniciosa petunt*) arrisca ser antes regido pela fortuna (cf. *Jug. 1.1: forte [...] regatur*; *1.5: regerentur*) do que por sua virtude (cf. *Jug. 1.1: potius quam uirtute regatur*), que é quando rege ele mesmo os acontecimentos (cf. *Jug. 1.5: regerent casus*), provando que, nele, seu espírito não se deixou dominar pelos vícios e sobrelevou, assim, às paixões do corpo (cf. *Jug. 1.3: dux atque imperator uitae mortalium animus est*).

É no discurso de César mesmo que comparece essa ideia, ao dizer, já no princípio:

Omnis homines, patres conscripti, qui de rebus dubiis consultant, ab odio, amicitia, ira atque misericordia uacuos esse decet. Haud facile animus uerum prouidet, ubi illa officiant, neque quisquam omnium libidini simul et usui paruuit. Ubi intenderis ingenium, ualet; si lubido possidet, ea dominatur, animus nihil ualet. (Cat. 51.1-3)

Todos os homens, senadores, que deliberam sobre assuntos dúbios, convêm que estejam isentos de ódio, amizade, ira e compaixão. Não facilmente o espírito distingue a verdade quando tais sentimentos o obstruem, e ninguém, dentre todos, obedece simultaneamente ao prazer e à necessidade. Quando aplicamos a inteligência, ele prevalece; se dele a paixão se apodera, por ela é dominado, e então o espírito nada pode.

dans la paresse ou les plaisirs des sens [...]” e LIDIA STORONI MAZZOLANI (Rizzoli, 1983): “Ma se, schiavo di basse cupidige, l’uomo affonda nell’ozio e nel piacere dei sensi [...]”.

em que o termo *lubido* reaparece (cf. *Cat.* 51.3: *lubido*) como um vício capaz de se apoderar do espírito (cf. *Cat.* ib.: *si lubido possidet, ea domi-natur*), fazendo, assim, que ele nada valha (cf. *Cat.* ib.: *animus nihil ualet*), bem como podem outras paixões (cf. *Cat.* 51.1: *odio, amicitia, ira atque misericordia*) impedi-lo (cf. *Cat.* 51.2: *officiunt*) de distinguir a verdade (cf. *Cat.* ib.: *Haud facile animus uerum prouidet*). Mais adiante, usa de exemplo que se parece àquele já mencionado de Salústio (cf. *Cat.* 2.2), lembrando os excessos dos Trinta Tiranos, instituição aristocrática imposta pelos lacedemônios aos atenienses, como meio de manter o domínio sobre os estados independentes, após o término da guerra do Peloponeso (404 a.C.):

Lacedaemonii deuictis Atheniensibus triginta uiros imposuere, qui rem publicam eorum tractarent. Ei primo coepere pessimum quem-que et omnibus inuisum indemnatum necare: ea populus laetari et merito dicere fieri. Post ubi paulatim licentia creuit, iuxta bonos et malos lubidinoso interficere, ceteros metu terrere. Ita ciuitas seruitute oppressa stultae laetitiae grauis poenas dedit. (*Cat.* 51.28-31)

Os lacedemônios impuseram aos atenienses vencidos trinta homens que dirigissem a república deles. Primeiro, eles começaram a matar, sem condenação, cada um dos criminosos de pior tipo e odiados de todos: o povo se alegrava com isso e dizia que era merecidamente feito. Depois, quando a licença paulatinamente cresceu, lado a lado a bons e maus arbitrariamente matavam, aos demais com o medo aterrorizavam. Assim, uma cidade oprimida pela servidão pagou caro por sua estulta alegria.

valendo-se aí, também, de termo cognato a *lubido* (cf. *Cat.* 51.30: *lubidinoso*) para descrever o modo como tais tiranos passaram a punir com pena capital tanto a bons como a maus (cf. *Cat.* ib.: *iuxta bonos et malos lubidinoso interficere*); tal exemplo é a preparação para que César use, ainda, de um outro, mais próximo, que é o da punição capital aplicada por Sila, assim também “vencedor” (cf. *Cat.* 51.32: *uictor Sulla*) como os lacedemônios, a Damasipo e aos comparsas deste:

Nostra memoria uictor Sulla cum Damasippum et alios eius modi, qui malo rei publicae creuerant, iugulari iussit, quis non factum eius laudabat? homines scelestos et factiosos, qui seditionibus rem publicam exagitauerant, merito necatos aiebant. (*Cat.* 51.32)

Em nossa época, quando Sila, vencedor, a Damasipo e aos outros do gênero deste, que com a desgraça da república haviam prosperado,

mandou matar, quem não se pôs a louvar a atitude dele? Homens criminosos e facciosos, que haviam perturbado a república com sedições, mercedamente, diziam, é que tinham sido mortos.

dizendo, a partir daí, quais foram os resultados de um tal precedente:

Sed ea res magnae initium cladis fuit. Nam uti quisque domum aut uillam, postremo uas aut uestimentum alicuius concupiuerat, dabat operam, uti is in proscriptorum numero esset. (Cat. 51.33)

Mas isso foi início de grande desgraça. Pois, quando alguém cobiciava uma casa ou uma propriedade no campo, um vaso, enfim, ou a roupa de alguém, trabalhava para que este estivesse no número dos proscritos.

em que a consequência da ganância, da cobiça (cf. *Cat. ib.: concupiuerat*) chegou a ser maléfica àqueles mesmos que num primeiro momento se viram beneficiados:

Ita illi, quibus Damasippi mors laetitiae fuerat, paulo post ipsi trahantur, neque prius finis iugulandi fuit, quam Sulla omnis suos diuitiis expleuit. (Cat. 51.34)

Assim, aqueles a quem a morte de Damasipo fora motivo de alegria, pouco depois eles mesmos estavam sendo arrastados, e não se pôs fim à matança antes que Sila tivesse cumulado todos os seus de riquezas.

a lembrar, de maneira particular, as palavras de Salústio na outra monografia, quando lamenta que os homens se apliquem tanto a buscar aquilo que é alheio a sua própria natureza (cf. *Jug. 1.5: aliena*) e que é mesmo perigoso, pernicioso (cf. *Jug. ib.: etiam periculosa; pernicioso*).

Também Mário, no *Bellum*, insistindo principalmente no vício da *superbia* e da *ignauia* (cf. *Jug. 85.1: Scio ego [...] plerosque [...] per ignauiam et superbiam uitam agere*; 13: *Comparete nunc, Quirites, cum illorum superbia me hominem nouom*; 19: *homines corrupti superbia*; 20: *ignauiae uoluptatem*; 38: *homines superbissime procul errant*; 45: *omnia remouistis: auaritiam, imperitiam, superbiam*), parece ser, ele mesmo – homem cujas qualidades não derivam, segundo diz (cf. *Jug. 85.25, 29-33*), nem da prosápia nem da educação, mas unicamente de sua *uirtus* – como que o exemplo acabado duma espécie de espírito rude, ou melhor, “antigo”, duma antiguidade imanente aos atos virtuosos, ao comportamento, e não à prova “material” das *imagines*, que não possui:

Non possum fidei causa imagines neque triumphos aut consulatus maiorum meorum ostentare, at, si res postulet, hastas, uexillum, phaleras, alia militaria dona, praeterea cicatrices aduerso corpore. Hae sunt meae imagines, haec nobilitas, non hereditate relictæ, ut illa illis, sed quae ego meis plurimis laboribus et periculis quaesiui. (Jug. 85.29-30, cf. também 10, 13-4, 17-8, 21, 25)

Não posso, para comprovação, ostentar imagens nem triunfos ou consulados de antepassados meus, mas, se há mister, lanças, estandarte, fáleras, outras recompensas militares, e ainda cicatrizes na frente do corpo. Estas são as minhas imagens, esta a minha nobreza, não legada pela hereditariedade, como a deles, mas a que eu mesmo, com meus maiores esforços e proações, conquistei.

passo que parece seguir, de modo particular, a direção deste outro, do prefácio:

Nam saepe ego audiui Q. Maximum, P. Scipionem, praeterea ciuitatis nostrae praeclaros uiros solitos ita dicere, cum maiorum imagines intuerentur, uehementissime sibi animum ad uirtutem accendi. Scilicet non ceram illam neque figuram tantam uim in sese habere, sed memoria rerum gestarum eam flammam egregiis uiris in pectore crescere neque prius sedari, quam uirtus eorum famam atque gloriam adaequauerit. (Jug. 4.5-6)

Muitas vezes eu ouvi que Q. Máximo, P. Cipião, e ainda outros homens ilustres de nossa cidade costumavam dizer que, ao contemplarem as imagens dos antepassados, mais intensamente o espírito se lhes acendia em busca da virtude. Evidentemente, diziam, que não era aquela cera nem aquela forma que tinham tamanha força em si mesmas, senão que, pela recordação das ações passadas, tal chama crescia no coração de excelentes homens e não se extinguia antes que o valor deles igualasse a fama e a glória daqueles.

em que é de notar a observação de Salústio a respeito da cera: não é na “matéria” das *imagines* que se colhe a virtude, mas na memória das ações passadas, que, aliás, é a expressão para história: a história, como memória, guarda o poder de suscitar nos homens a lembrança do valor dos de outrora, e serve, assim, como meio de transmissão do valor, da *nobreza*, sobretudo quando esta não é propriamente “hereditária”.

Mário, em suma, semelha um espírito ainda incorrupto (ao menos para si, ou ao menos num primeiro momento, já que depois, como diz Salústio, deixou-se tomar também pela *ambitio*: cf. *Jug. 63.2: postea am-*

bitione praeceps datus est; cf. também 64.4-6). Se a virtude do espírito é aqui entendida, pois, como interna aos atos, é porque também aqui se entende a prática duma ação preclara (cf. *Cat.* 2.9: *praeclari facinoris*) e egrégia (cf. *Jug.* 2.2: *egregia facinora*) como uma das atividades que seguem antes a natureza do espírito (cf. *Jug.* 2.1: *animi naturam secuntur*; cf. também *Cat.* 2.7) que a do corpo (cf. *Jug.* 2.1: *corporis*); ora, da natureza do corpo são os “prazeres sensuais” (cf. *Jug.* 1.4: *uoluptates corporis*), a que se podem acrescentar, também, as “paixões viciosas” (cf. *Jug.* ib.: *pravis cupidinibus*), bem como o “desejo pernicioso” (cf. *Jug.* ib.: *perniciosa lubidine*), e tudo mais, enfim, que é puramente material (cf. *Jug.* 2.2: *magnae diuitiae*) e perecível (cf. *Jug.* ib.: *praeclara facies*), coisas que Mário diz repelir:

Sordidum me et incultis moribus aiunt, quia parum scite conuiuuium exorno neque histrionem ullum neque pluris preti coquum quam uilicum habeo. Quae mihi libet confiteri, Quirites. Nam ex parente meo et ex aliis sanctis uiris ita accepi, munditias mulieribus, uiris laborem conuenire, omnibusque bonis oportere plus gloriae quam diuitiarum esse; arma, non supellectilem decori esse. (*Jug.* 85.39-40)

Miserável e de incultos modos me dizem, porque tenho pouca habilidade em preparar um banquete e não tenho um histrião, nem gasto mais com um cozinheiro do que com um caseiro. É com prazer que o confesso, quirites. Pois de meu pai e de outros irrepreensíveis varões assim aprendi: que enfeites convêm às mulheres, aos homens o trabalho, e que é mister todos os homens de bem terem mais glória que riquezas; que as armas, não a mobília, é que lhes servem de ornamento.

relegando-as àqueles que despreza:

Quin ergo, quod iuuat, quod carum aestimant, id semper faciant: ament, potent; ubi adulescentiam habuere, ibi senectutem agant, in conuiuuiis, dediti uentri et turpissimae parti corporis; sudorem, puluerem et alia talia relinquunt nobis, quibus illa epulis iucundiora sunt. (*Jug.* 85.41)

Então, o que lhes apraz, o que julgam caro, façam-no sempre: amem, bebam; onde passaram a juventude, aí levem a velhice: nos festins, entregues ao ventre e à parte mais torpe do corpo; que o suor, o pó e coisas que tais deixem para nós, para quem elas são mais prazerosas que os banquetes.

numa expressão de tom invectivo, que, se o distancia propositalmente da semelhança com o filósofo, pois que é homem sem instrução (cf. *Jug.* 85.32: *neque litteras Graecas didici*; cf. *infra*), vale-se, ainda assim, de termos muito parecidos (cf. *Jug.* 85.41: *dediti uentri et turpissimae parti corporis*) àqueles que Salústio usa em seus prefácios “filosóficos” para falar dos animais, quando diz que estes a natureza fez “curvados e submissos ao ventre” (cf. *Cat.* 1.1: *natura prona atque uentri oboedientia finxit*, pensamento que já figura, entre outros, em Platão: cf. *R.* 9, 586a), e sobretudo dos homens, quando diz que muitos deles estão “entregues ao ventre e ao sono” (cf. *Cat.* 2.8: *dediti uentri atque somno*) ou “entregues aos prazeres do corpo” (cf. *Jug.* 2.4: *dediti corporis gaudiis*). Mário, ainda, diz mais à frente que os antepassados dos nobres lhes deixaram riquezas, imagens, passado ilustre (cf. *Jug.* 85.38: *diuitias, imagines, memoriam sui praeclaram*), exceto um único bem, porque não hereditário:

[...] *uirtutem non reliquere, neque poterant: ea sola neque datur dono neque accipitur.* (*Jug.* 85.38)

[...] virtude não legaram, nem podiam: a única coisa que nem se dá como presente, nem se recebe.

passo que se assemelha a este, do prefácio:

Qui ubi ad gloriam uirtutis uia grassatur, abunde pollens potensque et clarus est neque fortuna eget, quippe quae probitatem, industriam aliasque artis bonas neque dare neque eripere cuiquam potest. (*Jug.* 1.3)

Quando ele [sc. o espírito] avança para a glória pelo caminho da virtude, abundantemente forte, e capaz, e ilustre é, e não necessita da fortuna, pois esta não pode dar nem roubar a ninguém a probidade, a atividade e as demais boas qualidades.

Já Catão, na primeira monografia, embora admita, em seu discurso, que não se trata, ali, de discutir se os romanos têm vivido segundo bons ou maus costumes (cf. *Cat.* 52.10: *non id agitur bonisne an malis moribus uiuamus*), chegando, mesmo, a desviar-se do tema, uma vez tratado (cf. *Cat.* 52.23: *Sed haec omitto*), não se furta, ainda assim, a entrar por esse caminho quando dele possa colher os argumentos para sustentar sua censura à hesitação acerca da punição aos conjurados. Como homem que já tratou do tema muitas vezes (cf. *Cat.* 52.7: *multa uerba in hoc ordine feci, saepe de luxuria atque auaritia nostrorum ciuium questus sum*), obtendo, por isso, muitos inimigos (cf. *Cat.* *ib.*: *multosque mortalis ea causa aduersos*

habeo), defende a qualificação do próprio caráter (cf. *Cat.* 52.8: *Qui mihi atque animo meo nullius umquam delicti gratiam fecissem*), de modo a poder censurar o dos demais (cf. *Cat.* ib.: *haud facile alterius lubidini male facta condonabam*), como de fato faz, em termos parecidos aos de Mário, já citados, referindo os bens materiais que seus colegas têm em maior conta que o interesse público (cf. *Cat.* 52.5: *domos, uillas, signa, tabulas uostras pluris quam rem publicam fecistis*) bem como os vícios contemporâneos:

[...] *nos habemus luxuriam atque auaritiam, publice egestatem, priuatim opulentiam; laudamus diuitias, sequimur inertiam; inter bonos et malos discrimen nullum, omnia uirtutis praemia ambitio possidet.* (*Cat.* 52.22)

[...] temos o amor ao luxo e a cobiça, pobreza na esfera pública, opulência no âmbito privado. Louvamos as riquezas, cedemos à inação. Entre bons e maus, nenhuma diferença; a ambição toma posse de todos os prêmios da virtude.

Desenhado, assim, o quadro moral, Catão reprova a hesitação (cf. *Cat.* 52.25: *uos cunctamini*) de seus colegas nela apontando-lhes a *inertia* e a *mollitia* (cf. *Cat.* 52.28: *inertia et mollitia animi alius alium expectantes cunctamini*), vícios que lhes tomaram o espírito (cf. *Cat.* ib.: *animi*), sendo-lhes empecos a que agissem mais vigorosamente, circunstância em que o ânimo dos conjurados é que se debilitaria (cf. *Cat.* 52.18: *Quanto uos attentius ea agetis, tanto illis animus infirmior erit; si paulum modo uos languere uiderint, iam omnes feroces aderunt*); mas Catão vai ainda mais longe: com expressões que lembram as de Mário, na outra monografia – cf. *Jug.* 85.1: *scio [...] plerosque [...] per ignauiam [...] aetatem agere* (esta, a lembrar uma do prefácio: *Jug.* 2.4: *per luxum et ignauiam aetatem agunt*) e 85.40: *munditias mulieribus, uiris laborem conuenire* –, repreende os colegas, incitando-os à ação:

Non uotis neque suppliciis muliebribus auxilia deorum parantur; uigilando, agendo, bene consulendo prospere omnia cedunt. Vbi sociordia te atque ignauiae tradideris, nequiquam deos implores: irati infestique sunt. (*Cat.* 52.29)

Não é com preces e súplicas de mulheres que se consegue o auxílio dos deuses; com a vigilância, com a ação, com decisões corretas é que se obtém o sucesso total. No momento em que nos entregamos à covardia e à inação, em vão apelaríamos para os deuses; em tal caso eles se mostram furiosos e hostis.

passo, por sua vez, que lembra este outro, do prefácio:

Nam imperium facile iis artibus retinetur, quibus initio partum est. Verum ubi pro labore desidia, pro continentia et aequitate lubido atque superbia inuasere, fortuna simul cum moribus immutatur. (Cat. 2.4-5)

Pois o poder facilmente se conserva mediante aquelas qualidades com as quais, no início, foi conseguido. Mas, quando em vez do trabalho a preguiça, em vez da moderação e da equidade o capricho e a soberba tomam lugar, a fortuna transforma-se junto com o caráter.

em que Salústio manifesta, de maneira condensada, sua visão duma república ideal e do que a ela acontece quando às boas qualidades do início se substituem os vícios que lhes são opostos; Catão, que se apresenta como a voz mesma da tradição – cf. *Cat. 52.19: maiores nostros*, e 52.21-3, 32 (em que cita o exemplo de A. Mânlio Torquato, *ille egregius adulescens*, punido com a morte por sua “coragem imoderada”) –, afirma que os resultados prósperos são derivados da vigilância (cf. *Cat. 52.29: uigilando*), da ação (cf. *Cat. ib.: agendo*) e das boas decisões (cf. *Cat. ib.: bene consulendo*), e que, ao nos entregarmos à preguiça (cf. *Cat. ib.: socordiae*) e à covardia (cf. *Cat. ib.: ignauiae*), tornam-se os deuses irados e hostis, assim como a fortuna também se modifica, no dizer de Salústio (cf. *Cat. 2.5: fortuna [...] immutatur*), junto com os costumes (cf. *Cat. ib.: simul cum moribus*), quando em lugar do trabalho (cf. *Cat. ib.: labore*), do comedimento (cf. *Cat. ib.: continentia*) e da equidade (cf. *Cat. ib.: aequitate*) atacam a ociosidade (cf. *Cat. ib.: desidia*), a arrogância (cf. *Cat. ib.: superbia*) e o capricho (cf. *Cat. ib.: lubido*), vícios embora um tanto diferentes daqueles referidos por Catão (entretanto, cf. *Cat. 52.7: luxuria, [...] auaritia; 8: lubidini; 22: inertiam; 28: inertia et mollitia*), mais empenhado, aqui, em censurar a hesitação de seus colegas.

O verdadeiro sentido das palavras

Finalmente, outro tema que também perpassa, embora de maneiras diferentes, os vários discursos nas monografias é aquele da preocupação com a linguagem, particularmente no que respeita ao caráter retórico dos discursos. Nestes, a defesa de certos modos de expressão – algumas vezes no que se poderia entender como “estados de definição” (*status definitionis*) – é parte duma disputa, entre tais discursos, sobre quem mais se aproxima, em sua opinião, do justo e do útil para a república já periclitante, sobre quem mais se aproxima, enfim, da interpretação mais acertada, mais

parecida com a *verdade* a respeito não apenas da questão mais particular da punição aos conjurados, no caso dos discursos de César e Catão, mas, sobretudo, a respeito da questão mais geral acerca do futuro mesmo da *res publica*. Assim, César diz que foi “com arte e beleza” (ou “de maneira [bem] composta e magnífica”: cf. *Cat.* 51.9: *composite atque magnifice*) que aqueles que antes dele se pronunciaram lamentaram as desventuras da república, pintando ele mesmo o quadro novamente:

Quae belli saeuitia esset, quae uictis acciderent, enumerauere: rapi uirgines, pueros; diuelli liberos a parentum complexu; matres familiarum pati quae uictoribus collibuissent; fana atque domos spoliari; caedem, incendia fieri; postremo armis, cadaueribus, cruore atque luctu omnia compleri. (Cat. ib.)

Qual foi a crueldade da guerra, que coisas aconteceram aos vencidos, contaram em detalhe: moças, meninos raptados; filhos arrancados dos braços dos pais; mães de família a sofrerem o que aos vencedores aprouvesse; templos e casas espoliados; assassinatos, incêndios; tudo, enfim, repleto de armas, cadáveres, sangue e luto.

para em seguida concluir:

Sed, per deos immortalis, quo illa oratio pertinuit? An uti uos infestatos coniurationi faceret? Scilicet, quem res tanta et tam atrox non permouit, eum oratio accendet. (Cat. 51.10)

Mas, pelos deuses imortais, a que visou um tal discurso? Acaso foi para que vos desse ódio da conjuração? É claro: então aquele a quem uma realidade tão grave e tão atroz não sensibilizou, a ele um discurso acenderá...

numa ironia (cf. *Cat. ib.*: *Scilicet*; 51.11: *Non ita est*) cujo pressuposto é de que o discurso não pode inflamar aqueles que a realidade mesma por ele descrita não inflamou, o que compreende, enfim, a afirmação, ainda que simulada, de que o empenho oratório (cf. *Cat.* 51.10: *oratio*) não saberia ser mais convincente que a realidade mesma (cf. *Cat. ib.*: *res*; cf. palavras semelhantes de Catilina: *Cat.* 20.15) e de que seu valor é sempre menor diante da realidade, que poderia, ela mesma, mostrar-se sem necessidade de expedientes retóricos que a exornassem (o que lembra, aqui, um traço do retrato de Catão feito por Salústio em *Cat.* 54.6: *esse quam uideri bonus* [sc. *Cato*] *malebat*, bem como o entendimento de Mário acerca da virtude em *Jug.* 85.31: *Ipsa se uirtus satis ostendit*; cf. *infra*). Mais

adiante, atentando para a cautela que se deve ter conforme a extensão do poder que se tem, César diz:

Sed alia aliis licentia est, patres conscripti. Qui demissi in obscuro uitam habent, si quid iracundia deliquere, pauci sciunt, fama atque fortuna eorum pares sunt; qui magno imperio praediti in excelso aetatem agunt, eorum facta cuncti mortales nouere. Ita in maxima fortuna minima licentia est; neque studere neque odisse, sed minime irasci decet. (Cat. 51.12-3)

Mas a liberdade é uma para uns, outra para outros, senadores. Aqueles que levam a vida humildes, na obscuridade, se, em razão da irascibilidade, cometeram alguma falta, poucos ficam sabendo, e assim a fama e a fortuna deles são iguais; aqueles que, munidos de grande poder, levam a existência nas alturas, os atos deles todo o mundo conhece. Assim, quanto maior a fortuna, menor a liberdade; não convém nem amar nem odiar, porém menos ainda irritar-se.

e, apontando o caso da expressão *iracundia*:

quae apud alios iracundia dicitur, ea in imperio superbia atque crudelitas appellatur. (Cat. 51.14)

o que entre outros se diz *irascibilidade*, chama-se, quando se está no poder, *soberba e crueldade*.

mostra que uma mesma coisa (cf. *Cat. 51.12: iracundia*; 14: *iracundia*) pode ser nomeada de modos diferentes (cf. *Cat. ib.: superbia atque crudelitas*) consoante a situação de poder (cf. *Cat. ib.: in imperio*). Em proporção com o grau de poder está também a “reputação”, a “fama”, pois, se poucos ficam sabendo (cf. *Cat. 51.12: pauci sciunt*) das faltas cometidas por aqueles de baixa condição e que vivem na obscuridade (cf. *Cat. ib.: qui demissi in obscuro uitam habent*), daí resultando que também sua fama seja pouca, já que par desta é sua fortuna (cf. *Cat. ib.: fama atque fortuna eorum pares sunt*), assim também será grande a fama daqueles investidos de grande poder (cf. *Cat. ib.: magno imperio praediti*), uma vez que todos sabem de seus atos (cf. *Cat. ib.: eorum facta cuncti mortales nouere*), daí resultando que, inversamente, seja mínima a sua liberdade (cf. *Cat. 51.13: minima licentia est*); ora, o que César está a dizer é que tal liberdade é mínima em razão do fato mesmo de que alguém, investido de tal poder, passa a ser uma pessoa *pública*, depositária dos interesses das demais, de modo que uma falha de temperamento presente num simples indivíduo, como, por exemplo, a irascibilidade, seja, em tal pessoa, chamada de “ar-

rogância” e “crueldade”. Parece haver, aí, uma preocupação em mostrar que a *fama*, aquilo que se fala, está em estreita relação não propriamente com a “verdade” do indivíduo, mas com a de uma coletividade que nomeia as coisas usando de palavras conformes a seus interesses.

Assim também, Catão, não por acaso observando no discurso de César quase as mesmas qualidades (cf. *Cat. 52, 13: Bene et composite C. Caesar [...] disseruit*) que este apontara nos anteriores (cf. *Cat. 51.9: composite atque magnifice*) demonstra, em relação à palavras, seja o reconhecimento do poder que elas tiveram – por ocasião de seus discursos acerca da cobiça e do amor ao luxo entre os cidadãos (cf. *Cat. 52.7: multa uerba in hoc ordine feci, saepe de luxuria atque auaritia nostrorum ciuium questus sum*) – de obter-lhe muitos inimigos (cf. *Cat. ib.: multosque mortalis ea causa aduersos habeo*), seja o lamento pela pouca importância que era dada a elas (cf. *Cat. 52.9: ea [sc. uerba] [...] uos parui pendebatis; 35: uerba contemnitis*), seja, enfim, a preocupação com seu sentido, quando diz, ao defender a proposta de punição mais severa, que se perderam os *verdadeiros* nomes das coisas:

Hic mihi quisquam mansuetudinem et misericordiam nominat. Iam pridem equidem nos uera uocabula rerum amisimus: quia bona aliena largiri liberalitas, malarum rerum audacia fortitudo uocatur, eo res publica in extremo sita est. (Cat. 52.11)

Nesta altura, alguém me vem usar das palavras brandura e compaixão! Há muito, deve-se admitir, que abandonamos os verdadeiros nomes das coisas. Uma vez que o esbanjamento de bens alheios é chamado de generosidade, e a temeridade de cometimentos desonestos recebe o nome de bravura, a república está à beira do abismo.

o que não deixa de ser uma outra maneira de dizer que se perdeu o *verdadeiro* sentido das palavras, já que “generosidade” (cf. *Cat. ib.: liberalitas*) passou a significar “esbanjar bens alheios” (cf. *Cat. ib.: bona aliena largiri*) e “bravura” (cf. *Cat. ib.: fortitudo*), “temeridade de cometimentos criminosos” (cf. *Cat. ib.: malarum rerum audacia*). Mas qual é o *verdadeiro* sentido das palavras? Decerto não se trata, aqui, de problema meramente linguístico: o que está em questão, em “disputa”, é o significado de valores que, materializados nas palavras e reunidos a outros, compõem o “perfil ético” dum povo, coisa que, segundo uma leitura moral da história (como faz em geral a historiografia antiga), está em relação direta com a estabilidade e a perturbação de suas instituições, dentre elas a política; é o que permite a Catão concluir que, em razão de se haver perdido o ver-

dadeiro sentido das “palavras”, a república se vê “à beira do abismo” (cf. *Cat. ib.: eo res publica in extremo sita est*):

ne ista uobis mansuetudo et misericordia, si illi arma ceperint, in miseriam conuertat. (Cat. 52.27)

Tomara que essa vossa brandura e compadecimento, se eles pegarem em armas, não se convertam em padecimento.

Além do mais, o *verdadeiro* sentido das palavras, para ele, na medida em que é coisa perdida (cf. *Cat. 52.11: amisimus*) há muito tempo (cf. *Cat. ib.: iam pridem*), parece coincidir com um sentido *antigo*, de sorte que se perdeu não apenas o sentido das palavras, mas também um modo *antigo* de viver e, para prejuízo da *res publica*, um modo *antigo* de governar. Para uma personalidade como a de Catão, mais do que nenhuma outra tendente a reprovar os excessos e extravagâncias duma *nobilitas* na qual não via a firmeza necessária para dirigir um império já grande, talvez faltasse a visão de que a *res publica* que tão empenhadamente procurava defender já começava, por razões não apenas morais, a realmente deixar de existir. O *verdadeiro* sentido das palavras, assim, acompanha as aspirações daqueles que as empregam, de modo que é dado não como uma realidade objetiva e absoluta de que os homens ora se esquecem, ora se lembram, mas como uma realidade construída pela força política mais forte: para exemplo, baste lembrar um, dentre tantos: aqueles a quem Catão chama “crudelíssimos parricidas” (cf. *Cat. 52.33: crudelissumis parricidis*) são os mesmos a quem Catilina exorta como “homens de grande bravura” (cf. *Cat. 20.8: o fortissimi uiri*).

Mário, na segunda monografia, usa de expressões semelhantes às de César (cf. *Cat. 51.9: composite atque magnifice*) e Catão (cf. *Cat. 52.13: Bene et composite C. Caesar [...] disseruit*) para descrever as qualidades retóricas daqueles da nobreza (cf. *Jug. 85.26: abunde illis facundam et compositam [sc. ego non ignoro] orationem fore*). Mas o que naqueles dois parecia como que sutil provocação, em Mário sobe ao tom do ataque, pois é apontando tal capacidade oratória em seus adversários que ele acredita poder desmascará-los diante dos cidadãos:

[...] cum apud uos aut in senatu uerba faciunt, pleraque oratione maiores suos extollunt: eorum fortia facta memorando clariores sese putant. (Jug. 85.21)

[...] quando entre vós ou no senado fazem discursos, na maior parte de sua fala enaltecem os seus antepassados: relembando os bravos feitos destes, julgam-se a si mesmos mais ilustres.

e é negando em si mesmo tais qualidades que pretende mostrar-se como homem que dispensa artificios, necessários somente àqueles, que, ardilosos e enganadores, pretendem encobrir seus atos torpes:

Non sunt composita uerba mea: parui id facio. Ipsa se uirtus satis ostendit; illis artificio opus est, ut turpia facta oratione tegant. (Jug. 85.31)

Não são preparadas as minhas palavras: tenho isso em pouca conta. A virtude por si mesma já se mostra o suficiente; eles é que têm precisão de artifício, para que encubram com a eloquência os seus atos torpes.

Essa negação dos expedientes retóricos, que em si mesma não deixa de ser retórica também,⁶ revela o cuidado de Mário diante duma preocupação típica do romano antigo: o contato cada vez mais frequente com a cultura grega e, em particular, com um código de prescrições técnicas de oratória assimilado por meio desse contato e veiculado pelos inúmeros manuais de retórica bem como pelas aulas de mestres gregos ou mesmo latinos no final da República. Diante de tal código, que passou a racionalizar e a estender ao nível mesmo das sutilezas muito daquilo que a prática oratória romana conhecia de *experiência*, a reação primeira da tradição foi de oposição, uma vez que tais “novidades”, com o potencial que teriam de “mascarar” a própria realidade (cf. *Jug. 85.31: illis artificio opus est, ut turpia facta oratione tegant*), iam “contra o uso e o costume dos antepassados” e por isso “não pareciam nem boas nem corretas”.⁷ Não é

⁶ Cf., a esse respeito, um preceito, por exemplo, da *Rhet. ad Alexandrum* 29, 1436b 34-6 (*Anaximenis Ars Rhetorica quae uulgo fertur Aristotelis ad Alexandrum*, Turici et Vitoduri, 1844 [Leipzig, 1850; Hildesheim, 1981]): ἔτι δὲ τὰς ἐλαττώσεις οἰστέον λέγοντας, ὡς οὐ δεινότητι πιστεύων ἀνέστην, ἀλλὰ νομίζων τῶ κοινῷ τὸ συμφέρον εἰσηγήσεσθαι, “Será mister apresentar também as próprias deficiências, dizendo: ‘levantei [para falar] não é confiando em minha habilidade [sc. eloquência], mas julgando apresentar algo útil à comunidade?’”

⁷ Cf. *Edictum aduersus Latinos rhetores* (92 a.C.) [www.thelatinlibrary.com/rhetores.html]: *Cn. Domitius Ahenobarbus L. Licinius Crassus censores ita edixerunt: renuntiatum est nobis esse homines, qui nouum genus disciplinae instituerunt, ad quos iuuentus in ludum conueniat; eos sibi nomen imposuisse Latinos rhetoras; ibi homines adulescentulos dies totos desiderare. Maiores nostri, quae liberos suos discere et quos in ludos itare uellent, instituerunt. Haec noua, quae praeter consuetudinem ac morem maiorum fiunt, neque placent neque recta uidentur. Quapropter et iis, qui eos ludos habent, et iis, qui eo uenire consuerunt, uidetur faciundum, ut ostenderemus nostram sententiam, nobis non placere* “Edito contra os retores latinos. Os censores Cn. Domicio Aenobarbo, L. Licínio Crasso assim proclamaram: foi-nos relatado haver homens que um novo gênero de disciplina instituíram, a cujas escolas a juventude se dirige; que a si mesmos o nome

por acaso, então, que Mário quer mostrar-se, diante dos cidadãos, como homem não versado em tais saberes:

Neque litteras Graecas didici: parum placebat eas discere, quippe quae ad uirtutem doctoribus nihil profuerant. (Jug. 85.32)

Nem aprendi as letras gregas: pouco satisfazia aprendê-las, pois que para a virtude em nada foram úteis aos seus professores.

valendo-se do prejulgamento de que tal aprendizado não parecia bem (cf. *Jug. ib.: parum placebat*) nem inspirava a seus mestres o amor da virtude (cf. *Jug. ib.: ad uirtutem*). Esta, para Mário, é imanente aos atos, à *experiência* real, mais instrutiva e própria do espírito antigo que as letras:

Quae illi audire aut legere solent, eorum partem uidi, alia egomet gessi; quae illi litteris, ea ego militando didici. Nunc uos existimate, facta an dicta pluris sint. (Jug. 85.13-4)

As coisas que eles costumam ouvir ou ler, parte delas vi, outras eu mesmo fiz; o que eles aprenderam nas letras, eu aprendi combatendo. Agora, estimai, vós, se feitos ou palavras é que valem mais.

e mais útil à República:

At illa multo optima rei publicae doctus sum: hostem ferire, praesidia agitare, nihil metuere nisi turpem famam, hiemem et aestatem iuxta pati, humi requiescere, eodem tempore inopiam et laborem tolerare. (Jug. 85.33)

Mas nestas coisas, muito melhores para a república, sou instruído: ferir o inimigo, montar guarda, nada temer senão a má reputação, inverno e verão suportar igualmente, dormir no chão, ao mesmo tempo a privação e a fadiga tolerar.

Assim, é curioso que o estilo de Salústio tenha, dentre outras, a característica do tom arcaizante. Não nos cumpre, aqui, minuciar as marcas de tal estilo na grafia, na morfologia, na sintaxe, etc., sempre tão lembra-

deram de retores latinos; que aí os rapazes os dias todos passam. Nossos antepassados estabeleceram que coisas queriam que seus filhos aprendessem e a quais escolas queriam que estes fossem. Essas novidades, que se fazem contra o hábito e o costume dos antepassados, nem agradam nem parecem corretas. Por isso é que, tanto para aqueles que mantêm tais escolas, quanto para aqueles que se habituaram a frequentá-las, parece-nos necessário que lhes mostremos nossa sentença: a nós não parece bom.”

das que são, mas procurar interpretar seu valor, que não parece ser apenas estético, “literário”, mas também, num certo limite, político.

É sabido que essa coloração arcaizante de seu texto deve muito não só à escolha do modelo de Tucídides, como também aos empréstimos que Salústio fez da obra de Catão o Censor. A eleição desse modelo latino, em particular, aponta para uma atitude também política na medida em que implica a escolha dum modo de escrever que reverbera um modo de viver. Um modo *antigo* de viver, próprio de uma Roma do passado e, segundo essa mentalidade, ainda não dominada pelos vícios, ainda pequena. Conquanto se possa, aqui, objetar que Salústio foi também, conforme a expressão de Aulo Gélío, um *nouator uerborum* (cf. GEL. 1.15.18), sobretudo em razão do emprego renovado de expressões tomadas a outros autores, é de notar que, mesmo aí, muitas vezes, trata-se duma “novidade” que não é senão a reapresentação do antigo aos ouvidos do presente (cf. id. 11.7.2: *noua autem uideri dico etiam ea quae sunt inusitata et desita, etsi sunt uetusta*).

O *antigo*, com todas as qualidades (gravidade, brevidade, incongruência, etc.) que encerra, reaparece, pois, na tessitura do estilo, como uma proposta, por assim dizer, “nova”, como alternativa ao discurso *nobilis*, a disputar com o modo de expressão periódico e simétrico de uma nobreza que folga em exhibir seu refinamento retórico; assim também, o *homo nouus* que Salústio nos dá em sua segunda monografia quer, também ele, mostrar-se como exemplo dum espírito ainda incorrupto, como alternativa à arrogância dos *nobiles* (cf. Jug. 85.13: *Comparete nunc, Quirites, cum illorum superbia me hominem nouom*).

Quando Salústio diz que de seu *ócio* (cf. Jug. 4.4: *ex otio meo*) advirá mais utilidade à República que das *atividades* ou *negócios* dos outros (cf. Jug. ib.: *quam ex aliorum negotiis*), e se de fato ele entende aí, como é possível supor, seu *ócio* em particular (e não apenas o *ócio* genericamente), acaba também por pressupor que sua tarefa (cf. Jug. 4.3: *labori meo*), na medida em que se realiza numa vida distante das preocupações com a política (cf. Cat. 4.1: *a re publica procul*; Jug. 4.3: *procul a re publica*), é, ao menos no seu início, atividade dum particular, e que essa atividade, sendo, como é, a escrita da história, sabe ser mais proveitosa à coletividade da República do que as atividades daqueles que compõem, por assim dizer, essa mesma coletividade. Parece haver aí uma consciência tripla: de que a antiga *res publica* vai aos poucos se quebrando; de que, para entender as razões de seu esfacelamento, é preciso afastar-se dela um pouco; e de que essa história, é preciso explicá-la aos concidadãos, é preciso mostrar-

lhes, com exemplos bem *escolhidos*, o momento em que começaram a trair a tradição, bem como as consequências que daí advieram. Ora, a opção por escrever *carptim* (cf. *Cat.* 4.2) a história do povo romano não é mera filiação estética ao modelo de Tucídides: ela implica a escolha de eventos que sejam dignos de memória (cf. *Cat.* ib.: *ut quaeque memoria digna uidebantur*), como se cada evento fosse escolhido em função de sua capacidade de suscitar, nos leitores, a lembrança de vícios e valores, como se cada monografia fosse uma *imago*, não de uma família, pois que o espírito que a escreve se diz livre de partidos (cf. *Cat.* ib.: *a [...] partibus rei publicae animus liber erat*), mas a de um povo inteiro: imagem complexa, que mostra não a tradição inquestionável, mas, no embate de aspirações diversas, o espírito contraditório e incerto de uma época.

TITLE. *The discourse under other discourses: Sallust and the competition among political groups in the late Republic.*

ABSTRACT. Sallust strives to morally characterize the *nobilitas*, at least the one whose vices have led to the exacerbation of inequalities and ultimately to the civil war. However, the pairing between Caesar and Cato – through their speeches, the latter criticizing the behavior of the *pars* he himself supports – and the portrait of Marius, whose initial qualities would have degenerated in *ambitio*, point to a construction plan of *The Catilinarian Conspiracy* and *The Jugurthine War* that, despite any political bias, seems to claim a sort of philosophical “neutrality”, which seek to highlight the faults of all the *partes*, thus achieving to compose, in the space of literature, a complex picture: the portrait, for Sallust, of his unrealized political ideal. I aim to show how the discourse pertaining to that ideal, as it is seen in the prefaces to those works, is also present in the rhetorical reconstruction of those historical characters’ speeches.

KEYWORDS. Sallust; *The Catilinarian Conspiracy*; *The Jugurthine War*; political speeches; political ideal.